

A NORMA CULTA E A NORMA PADRÃO NOS MANUAIS DE REDAÇÃO DA
FOLHA DE S. PAULO E DO ESTADO DE S. PAULO

*THE STANDARD NORM AND STANDARD LANGUAGE IN THE WRITING
MANUALS OF FOLHA DE S. PAULO AND ESTADO DE S. PAULO*

Ana Caroline Moura Teixeira¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os Manuais de Redação da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo* e verificar se os usos efetivamente realizados (Norma Culta) pelos colunistas e articulistas, em suas publicações, seguem as prescrições interpostas nesses manuais (Norma Padrão). Tem-se como resultado que, mesmo com os controles das prescrições dos manuais, os colaboradores preferem, algumas vezes, obedecer à sua própria intuição de escritores cultos, valendo-se em seus textos de fatos linguísticos considerados cultos.

Palavras-chave: norma culta; norma padrão; manuais de redação.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the Writing Manuals of *Folha de S. Paulo* and *Estado de S. Paulo* and check if the uses effectively made (Standard Norm) by columnists and writers in their publications follow the requirements brought in these manuals (Standard Language). It brings, as a result, that even with the controls of the requirements of manuals, developers prefer sometimes to follow their own intuition of cultured writers, drawing on their writings of linguistic facts considered refined.

Keywords: standard norm; standard language; writing manuals.

1 INTRODUÇÃO

Muitos projetos coletivos de pesquisa relativos ao Português Brasileiro (doravante PB) estão sendo executados em âmbito nacional com fins diversos (dentre eles educacionais), sobretudo graças às facilidades trazidas pela informática. O Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, mais conhecido como Projeto NURC, e o Projeto

¹ Graduanda em Letras-Português, UFPI.

Censo Linguístico do Português do Rio de Janeiro, a que sucedeu o Projeto de Estudo de Usos Linguísticos, são alguns exemplos de pesquisas que colaboram para a organização de grandes *corpora* de língua em uso, favorecendo um estudo mais detalhado da realidade linguística brasileira (CASTILHO, 2014).

Assim, as investigações descritivas do PB das últimas décadas, principalmente as empreendidas por Marcos Bagno (*Gramática pedagógica do português brasileiro*), Mário Perini (*A gramática do português brasileiro*), Ataliba de Castilho (*Nova gramática do português brasileiro*), Maria Helena de Moura Neves (*A gramática de usos do português*), Francisco Borba (*Dicionário de usos do português do Brasil*) entre outros, que elegeram como *corpora* os usos cultos falados e escritos da língua para a elaboração de suas gramáticas e de seus dicionários, demonstram a disparidade entre as regras prescritivas das gramáticas tradicionais e os usos efetivamente praticados pelos brasileiros, inclusive, em contextos monitorados de fala e de escrita. Disso, fica flagrante a discrepância entre a Norma Padrão (doravante NP), materializada, sobretudo, em gramáticas e em manuais como aqueles aqui analisados, os quais têm, marcadamente, um pendor prescritivo; e a Norma Culta (doravante NC), materializada, por exemplo, em textos escritos produzidos por pessoas consideradas cultas, como os escritos pelos colunistas e articulistas dos dois jornais aqui enfocados.

Diante disso, o presente trabalho versa sobre a NP em dois manuais de redação de renomados grupos jornalísticos do país, mais especificadamente nos manuais da *Folha de S. Paulo* (doravante *Folha*) e do *Estado de S. Paulo* (doravante *Estado*), e sobre a NC nos textos produzidos pelos colaboradores desses mesmos jornais.

A opção por essa temática se deu a partir do interesse em examinar normas linguísticas, sobretudo a NP e a NC, objetos de estudo do Grupo de Pesquisa *As Normas*

linguísticas no/do Brasil: história, pesquisa e ensino da UFPI, cadastrado no CNPq e ao qual esta pesquisa é vinculada².

A problematização investigativa deste trabalho gira em torno do seguinte questionamento: os colunistas e os articulistas da *Folha* e do *Estado* acompanham, integralmente, as prescrições de regras gramaticais interpostas pelos manuais de redação dos jornais com os quais colaboram? Tem-se como hipótese que, mesmo com os controles das prescrições dos manuais, os colaboradores preferem, algumas vezes, obedecer à sua própria intuição de escritores cultos, ou seja, valem-se em suas produções textuais de fatos linguísticos considerados cultos, mas ainda não incorporados ao padrão.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os manuais de redação da *Folha*³ e do *Estado*⁴ e verificar se os usos efetivamente realizados (Norma Culta) pelos colunistas e articulistas, em suas publicações, seguem as prescrições interpostas nesses manuais de redação (Norma Padrão).

Para alcançar este objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) Selecionar textos de colunistas e articulistas dos dois jornais, publicados nos meses de setembro e outubro de 2014, para comparação com as regras dos manuais; 2) Eleger, entre os usos linguísticos dos colunistas e articulistas, casos conflitantes de regência verbal entre esses usos e as prescrições dos manuais; e 3) Discutir as possíveis discrepâncias entre as prescrições de regência verbal dos manuais e os usos linguísticos dos colunistas e articulistas.

É salutar comentar que se escolheu a regência verbal pelo fato de que ela, ao lado da concordância, é “um dos alvos preferidos da vigilância purista”, conforme

² Este artigo é um recorte de nosso relatório final do Projeto de Pesquisa de mesmo título, vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (ICV), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), orientado pelo Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos, no período de setembro/2014 a agosto/2015.

³ Analisou-se a 19ª edição do Manual da Redação da *Folha*, publicada em 2013.

⁴ Examinou-se a 3ª edição, revista e ampliada do Manual de Redação e Estilo do *Estado*, publicada em 1997.

Marcos Bagno (2011, p. 519).

Logo, neste artigo serão contemplados um referencial teórico sobre norma, NP e NC, amparado em Marcos Bagno (2002), Eugenio Coseriu (2004), Carlos Faraco (2008), Marli Leite (1999) e Emílio Pagotto (1998), assim como uma análise dos Manuais de Redação da *Folha* e do *Estado*, no conteúdo concernente à regência verbal, elencando, posteriormente, ocorrências encontradas nas produções textuais dos colaboradores desses jornais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DISCUSSÃO SOBRE OS CONCEITOS DE NORMA PADRÃO X NORMA CULTA

Antes de se iniciar as considerações acerca dos conceitos de NP e de NC, é oportuno, primeiramente, conceituar o que é *norma*. O conceito de *norma*, nos estudos linguísticos, recebeu importante atenção do linguísta Eugênio Coseriu (2004), que o acrescentou à dicotomia saussuriana *Langue* (língua) x *Parole* (fala). Para o linguísta romeno, *norma* pode ser entendida como “fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional: todo fato que se diz e se entende ‘dessa maneira e não de outro modo’” (COSERIU, 2004, p. 122). Nos desdobramentos das investigações linguísticas, com o intuito de diferenciar os modos sociais de falar e escrever a língua, “foi preciso qualificar o termo *norma*, agregando a ele diferentes adjetivos tais como *regional, popular, rural, informal, juvenil, culta* etc.” (FARACO, 2008, p. 53, grifos no original). Em Faraco (2008), além dos já citados, há muitos outros adjetivos: *curta, gramatical, padrão* etc. Contudo, para os objetivos do presente trabalho, as qualificações *culta* e *padrão* serão pormenorizadas adiante.

Para Faraco (2008, p. 71) a NC (também denominada por ele comum e *standard*) é empregada para designar “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e

escrita”. Ainda segundo o mesmo autor, a NP, por seu turno, não é uma variedade da língua, como a NC, mas “um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização” (*ibidem*, p. 73).

No caso brasileiro, cumpre destacar que esse padrão foi construído de forma artificial, haja vista que a elite letrada responsável pelo projeto da NP no Brasil, na segunda metade do século XIX, não tomou como referência a NC do país, mas um modelo de escrita adotado pelos escritores do período do romantismo de Portugal (FARACO, 2008, p. 78). Com Pagotto (1998), tem-se que a constituição da NP⁵ no Brasil foi fruto de um projeto político de nação e de Estado da elite brasileira com o intuito de aproximar as culturas portuguesa e brasileira, para, assim, “a elite se manter em oposição aos demais segmentos da população” (PAGOTTO, 1998, p. 55). Frisa-se deste modo que desde a implementação dessa NP, discrepante com a NC do país, esse projeto não foi estabelecido efetivamente entre os brasileiros, mesmo com os inúmeros embates propostos pelos formuladores e defensores da NP. Assim, na atualidade, os bons instrumentos normativos devem “registrar e consolidar os usos observados” da NC, não “aleatoriamente ou arbitrariamente, como fizeram, no passado, alguns gramáticos [...]” (FARACO, 2008, p. 103).

Concordando com Faraco, Bagno (2002) também acredita que a NP deve ser revisada criticamente e implementada a partir dos usos efetivamente praticados pelos falantes e escritores cultos brasileiros, “para que ela, na condição de referência para determinados usos da língua (mais monitorados e formais), se aproxime mais da realidade linguística culta falada e escrita hoje no Brasil” (BAGNO, 2002, p. 31).

Apesar dessas críticas à NP, muitos jornalistas, escritores, gramáticos e filólogos são defensores desta norma tradicional instalada no Brasil no século XIX, em desfavor da NC, tanto na fala quanto na escrita. Contudo, conforme Bagno (2002), alguns jornalistas, por exemplo, acabam não tendo uma postura condizente com o que

⁵ Pagotto (1998) usa a nomenclatura NC para se referir à NP.

apregoam.

Mesmo a imprensa mais conceituada, que tenta ocupar o lugar deixado vago pela literatura como depositária da NP tradicional, só consegue fazer isso como discurso, pois na prática a imprensa escrita se revela também muito permeável a todas as formas linguísticas que caracterizam o português brasileiro culto contemporâneo. (BAGNO, 2002, p. 35).

Além disso, os manuais de redação⁶ (os quais os jornalistas deveriam seguir), em concordância com Marli Leite (1999), misturam posturas ora liberais, ora tradicionais, e rejeitam usos difundidos na língua falada e escrita padrão, o que pode caracterizar uma incoerência das normas apresentadas nesses manuais (LEITE, 1999, p. 232).

Assim sendo, os manuais de redação apresentam a NP que deve ser seguida pelos colaboradores que atuam nos jornais. Com isso, adiante, serão detalhadas as informações acerca da regência verbal nos manuais de redação da *Folha* e do *Estado*.

2.2 A REGÊNCIA VERBAL NO MANUAL DE REDAÇÃO DA *FOLHA*

Posto que o “texto de jornal deve ter estilo próximo da linguagem cotidiana, sem deixar de ser fiel à norma culta, evitando erros gramaticais, gíria, vulgaridade e deselegância” (FOLHA DE S. PAULO, 2013, p. 79), a *Folha* recomenda aos jornalistas o uso de dicionários específicos (sem, no entanto, os mencionar) para o emprego adequado das preposições nos assuntos relacionados às regências verbal e nominal. Entretanto, para alguns verbos considerados por ela problemáticos, o jornal lista-os e informa, por meio de exemplos, a regência considerada padrão e que deve ser seguida pelos agentes comunicativos do Grupo.

Veja, no quadro 01, os 11 (onze) verbos considerados problemáticos e algumas

⁶ Leite caracteriza esses manuais como sendo “uma tentativa de apresentar objetivamente ao jornalista, em particular, ou ao leitor, em geral, normas editoriais do jornal, procedimentos quanto à abordagem e elaboração da notícia e, também, normas gramaticais.” (LEITE, 1999, p. 230).

orações exemplificativas citadas pela *Folha* em seu manual.

Quadro 01: Verbos com regência problemática,
segundo a *Folha*

Verbo	Exemplo
Aspirar	Diariamente, aspira o ar poluído.
	O governador aspira ao Planalto.
Avisar	Segue a regência de informar
Chegar	Ele chegou a Brasília
Implicar	A decisão do presidente implica cancelar o projeto
	Isso implica o cancelamento do projeto
Informar	Ele informou o governador do (ou sobre o) fato
	Ele informou o fato ao governador
Ir	Ele irá a Brasília
Obedecer	Ele obedece aos sinais de trânsito
Permitir	O governador não lhe permitiu sair da sala
	Ela não lhe permitiu que fizesse as acusações
Preferir	Ele prefere cinema a teatro
Responder	O acusado deverá responder a processo
	Ele respondeu que não aceitará o cargo
	Ele não respondeu ao questionário
	Ela responde a dois inquéritos
Simpatizar	O governador não simpatiza com a ideia
	(o verbo não é pronominal)

Fonte: Folha de S. Paulo. Manual da Redação: Folha de São Paulo. (2013, p. 142).

Verificando-se o quadro acima, percebe-se que as regências dos verbos podem estar em acepções diferenciadas. Como o manual não explicita a regência dos verbos, com o auxílio do Dicionário *Aurélio* (2010) fez-se a apreensão dessas acepções para facilitar a análise das ocorrências dos verbos considerados problemáticos pela *Folha*, no tópico 4.

Assim, depois dessas considerações sobre a regência verbal no Manual da Redação da *Folha*, no próximo tópico, passa-se às considerações sobre a regência verbal no Manual de Redação e Estilo do *Estado*.

2.3 A REGÊNCIA VERBAL NO MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO *ESTADO*

Com o intuito de sanar possíveis dúvidas na redação das publicações do jornal *Estado*, Eduardo Martins, autor do Manual de Redação e Estilo, enumera “a regência mais usual dos verbos, substantivos e adjetivos ou as formas que possam dar maior margem a dúvidas, definindo-se, em alguns casos, por uma delas, entre duas ou mais possíveis” (MARTINS FILHO, 1997, p. 250). Para tanto, utiliza-se de verbetes para cada palavra ou forma, constantes nas instruções específicas do capítulo 01 do Manual. Além disso, para as palavras não contempladas no Manual, o autor indica o uso de dicionários especializados e comuns para dirimir eventuais dúvidas⁷.

Após a verificação dos verbetes, incluídos nas instruções específicas do capítulo 01 do Manual, constatou-se que há 97 (noventa e sete) verbos relacionados no Manual do *Estado*, com suas respectivas regências. Com isso, considerando o grande número de verbos, selecionou-se 12 (doze) deles, para explicitar algumas de suas acepções, respectivas regências e exemplos, conforme se vê a seguir. Antes, porém, é oportuno esclarecer que a escolha desses verbos justifica-se por 10 (dez) deles, a saber: *aspirar, avisar, chegar, implicar, informar, ir, obedecer, preferir, responder* e *simpatizar*, terem sido considerados problemáticos pela *Folha*, e, além destes, foram incluídos mais 2 (dois): *assistir* e *namorar*, que constam na lista dos cem erros mais comuns do idioma, segundo o Manual do *Estado*. Os 12 (doze) verbos foram selecionados, com o intuito de comparar os resultados das análises das ocorrências extraídas dos jornais da *Folha* e do *Estado*.

⁷ Os dicionários especializados recomendados são: *Dicionário de Verbos e Regimes* (1959), *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos* (1959), *Dicionário Prático de Regência Verbal* (1987) e o *Dicionário Prático de Regência Nominal* (1992), sendo os dois primeiros de Francisco Fernandes e os dois últimos de Celso Pedro Luft. Os dicionários comuns sugeridos, por sua vez, são os de autoria de Caldas Aulete (1958) e os de Aurélio Buarque de Holanda (1986).

Quadro 02: Verbos selecionados do manual do *Estado*

VERBO	ACEPÇÃO E EXEMPLOS
Aspirar	2. (tr. ind.) — Desejar muito, pretender: <i>Aspirava ao cargo de gerente. / Era tudo a que aspirava.</i>
Assistir	1. (tr. ind.) — No sentido de presenciar ou comparecer, exige sempre a preposição a : <i>Assisti ao jogo. / A comitiva assistiu à abertura dos trabalhos da Câmara. / Os fiéis assistiram à missa. Observações.</i> Uma vez que não existe voz passiva com verbo transitivo indireto, é errado dizer: <i>O jogo “foi assistido”</i> (o certo: <i>visto, presenciado</i>) <i>por 50 mil pessoas.</i> Ainda sobre um jogo ou espetáculo, não se pode escrever que alguém queria “ <i>assisti-lo</i> ”, mas apenas assistir a ele (pelo fato de o verbo ser indireto, rejeita o o como complemento).
Avisar	2 — Avisar alguém de (para ou sobre): <i>Avisou os amigos dos (para os, sobre os) riscos que corriam. / Avisou-os da (sobre a) tragédia. / Avisou-a para que evitasse os lugares desertos.</i> 3 — Avisar alguma coisa a alguém (<i>forma condenada por alguns gramáticos</i>): <i>Avisou aos convidados que não queria presentes. / Avisou-lhes que nada pretendia para si.</i> 6 — Nunca use o verbo com dois objetos diretos, como em: <i>O piloto avisou “os” passageiros “que” o avião ia pousar</i> (o certo: <i>avisou aos passageiros que... ou avisou os passageiros de que...</i>).
Chegar	1 — Verbos de movimento exigem a e não em : <i>Delegação russa chega hoje a</i> (e não “ <i>em</i> ”) <i>São Paulo.</i> Igualmente: <i>A chegada do jogador ao</i> (e não “ <i>no</i> ”) <i>Brasil está marcada para amanhã.</i> 2 — <i>Chegar em</i> , só na designação de tempo (<i>Chegará em meia hora. / Chegamos em cima da hora</i>) ou com a palavra casa (<i>Chegou tarde em casa</i>).
Implicar	1 — No sentido de pressupor, envolver, acarretar, adote a regência direta (sem a preposição em): <i>A promoção implicava maiores responsabilidades. / Jornalismo implica dedicação. / Reforma implicará perda de receita para os Estados.</i> 2 — Use preposição apenas quando o verbo pedir dois complementos (<i>A polícia implicou o acusado no crime de receptação</i>) ou objeto indireto (<i>Implicava sempre com os colegas</i>).
Informar	3 — Informar alguém de ou sobre alguma coisa: <i>Os funcionários informaram o chefe das (sobre as) alterações. / Informaram-no das (sobre as) novas normas.</i> 4 — Informar alguma coisa a alguém: <i>Nós lhe informamos que chegaríamos cedo. / O governo informou à população que o país não entraria na guerra.</i> 6 — Informar-se de ou sobre alguma coisa: <i>Ele se informou dos (sobre os) acontecimentos. / Convém que todos se informem sobre as novas normas.</i> 7 — O que não se pode é atribuir dois objetos diretos ao verbo, como neste exemplo real: <i>O documento informava os moradores “que” (o certo: de que) seus imóveis deveriam ser restaurados.</i>
Ir	Para indicar deslocamento, o que se usa é ir a : <i>Foi ao cinema</i> (e não “ <i>no cinema</i> ”). / <i>Prometeu ir amanhã à festa</i> (e não “ <i>na festa</i> ”).
Namorar	O verbo é direto: <i>A moça namorava o filho do prefeito</i> (e não <i>namorava “com”</i>). / <i>Namorava a vizinha havia muitos anos</i> (e não <i>namorava “com”</i>).
Obedecer	1 — Exige sempre a preposição a : <i>Obedeceu aos superiores. / Obedecia às ordens. / Obedecia-lhe sem hesitar.</i> 2 — Embora indireto, admite a voz passiva: <i>Suas determinações foram obedecidas pelos subordinados.</i> 3 — Pode também dispensar complemento: <i>Manda quem pode, obedece quem tem juízo. / Sabe mandar e sabe obedecer.</i>

Preferir	1 — Constrói-se com a preposição a e não com a locução do que : <i>Prefere a mãe ao pai</i> (e não “do que” o pai). / <i>Os alunos preferiam jogar futebol a praticar atletismo.</i> / “ <i>Prefiro os que colocam bem as idéias aos que colocam bem os pronomes</i> ” (Sílvio Romero). 2 — Também é errado usar preferir com em vez de : <i>O lateral prefere jogar no Brasil “em vez de”</i> (o certo: <i>a</i>) <i>ir para a Espanha.</i> 3 — Como preferir já tem valor absoluto, são inadmissíveis frases do tipo de: <i>Prefiro antes morrer a renunciar.</i> / <i>Os times preferem mais atacantes a defensores.</i> / <i>Preferia cem vezes brincar a estudar.</i> O “antes”, o “mais” e o “cem vezes” estão sobrando nas frases. 4 — Com preferível , proceda da mesma forma: <i>Achou preferível sair a ficar.</i> / <i>É preferível lutar a morrer sem glória.</i>
Responder	1 — No sentido de dar resposta a alguém ou a alguma coisa, use a regência indireta: <i>Responder à carta, responder ao ofício, responder ao documento, responder às calúnias, responder ao desafio, responder ao esforço, responder aos tiros, responder pelos atos, respondeu-lhe sem demora.</i> 5 — Apesar de transitivo indireto, admite a voz passiva com o mesmo significado de dar resposta a: <i>A carta foi respondida pelo secretário.</i>
Simpatizar	Simpatizar com e não simpatizar-se com : <i>Ele simpatizou com a casa, com a moça, com o vizinho.</i>

Fonte: O Estado de S. Paulo. Manual de Redação e Estilo, adaptado. (1997) (quadro organizado pela autora desta pesquisa).

Além dos verbetes gramaticais do capítulo 01, o Manual do *Estado* ainda traz uma lista dos cem erros mais comuns do idioma no capítulo 03. Dos 12 verbos selecionados para essa pesquisa, 05 deles (*chegar, implicar e preferir, assistir e namorar*) figuram nessa lista. Veja, no quadro 03, o que essa lista relata sobre esses verbos.

Quadro 03: Verbos constantes na lista dos cem erros mais comuns do idioma

Colocação	Verbos e Comentários
11	Vai assistir “o” jogo hoje. Assistir como presenciar exige a : <i>Vai assistir ao jogo, à missa, à sessão.</i> Outros verbos com a : <i>A medida não agradou (desagradou) à população.</i> / <i>Eles obedeceram (desobedeceram) aos avisos.</i> / <i>Aspirava ao cargo de diretor.</i> / <i>Pagou ao amigo.</i> / <i>Respondeu à carta.</i> / <i>Sucedeu ao pai.</i> / <i>Visava aos estudantes.</i>
12	Preferia ir “do que” ficar. Prefere-se sempre uma coisa a outra: <i>Preferia ir a ficar.</i> É preferível segue a mesma norma: <i>É preferível lutar a morrer sem glória.</i>
20	Chegou “em” São Paulo. Verbos de movimento exigem a , e não em : <i>Chegou a São Paulo.</i> / <i>Vai amanhã ao cinema.</i> / <i>Levou os filhos ao circo.</i>

21	Atraso implicará “em” punição. Implicar é direto no sentido de acarretar, pressupor: <i>Atraso implicará punição. / Promoção implica responsabilidade.</i>
47	Queria namorar “com” o colega. O <i>com</i> não existe: <i>Queria namorar o colega.</i>

Fonte: O Estado de S. Paulo. Manual de Redação e Estilo, adaptado. (1997, p. 322-324) (quadro organizado pela autora desta pesquisa).

Assim sendo, feitas as considerações sobre a regência verbal nos Manuais de Redação da *Folha* e do *Estado*, serão discutidos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, quantitativa e qualitativa, posto que se utiliza de um aporte teórico sobre normas linguísticas, além de consultar/compulsar os próprios manuais. Ademais, mensura e quantifica as ocorrências dos verbos em matérias dos jornais pesquisados para, posteriormente, analisar e interpretar as ocorrências em relação à NC e à NP.

Para o desenvolvimento da pesquisa, preliminarmente, consultou-se os manuais de redação da *Folha* e do *Estado*, a fim de averiguar as prescrições gramaticais sobre regência verbal. Assim, em relação ao Manual da *Folha*, procedeu-se à catalogação de 11 verbos que são considerados por ela, com regência problemática: *aspirar, avisar, chegar, implicar, informar, ir, obedecer, permitir, preferir, responder* e *simpatizar*, todos com acepções que são inferidas dos exemplos. Já em relação ao Manual do *Estado*, verificou-se a existência de 97 verbos nesse Manual, com suas respectivas regências. Dos 97 verbos, selecionou-se 12 deles: *aspirar, assistir, avisar, chegar, implicar, informar, ir, namorar, obedecer, preferir, responder* e *simpatizar*, sendo 10 desses verbos os mesmos do Manual da *Folha*. Em seguida, consultaram-se 1249 publicações das edições *on-line* da *Folha* e do *Estado*, a fim de colher exemplos de usos eleitos pelos

colunistas e articulistas acerca da regência dos verbos prescritos nos Manuais. Posteriormente, confrontaram-se as prescrições dos Manuais (NP) com os usos que efetivamente os colaboradores dos jornais elegem (NC).

No próximo tópico, têm-se os resultados e a discussão da presente pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OCORRÊNCIAS DAS REGÊNCIAS DOS VERBOS PROBLEMÁTICOS ELENCADOS NO MANUAL DA *FOLHA* E OCORRÊNCIAS DAS REGÊNCIAS DOS VERBOS SELECIONADOS CONSTANTES NO MANUAL DO *ESTADO*

Para a análise das ocorrências da *Folha* foram verificadas 561 publicações de suas edições *on-line*, das editorias *Opinião*, *Poder*, *Mundo*, *Cotidiano* e *Esportes*. Nessas publicações foram encontradas 42 ocorrências dos verbos considerados problemáticos pela *Folha*.

Para a análise das ocorrências do *Estado*, por seu turno, foram consultadas 688 publicações de suas edições *on-line*, das editorias *Opinião*, *Política*, *Internacional*, *Esportes* e *Cultura*. Nessas publicações foram encontradas 103 ocorrências dos verbos selecionados constantes no Manual do *Estado*.

4.2 A NP E A NC NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS COLABORADORES DA *FOLHA* E DO *ESTADO*

No quadro 04, abaixo, têm-se as informações sobre a NP e a NC nas produções textuais dos colaboradores da *Folha* e do *Estado*. Com ele, vê-se, de modo geral, como foi o percentual de catalogação das ocorrências, para cada verbo.

Quadro 04: A NP e a NC nas produções textuais dos colaboradores da *Folha* e do *Estado*

Verbos	Ocorrências NP				Ocorrências NC			
	Folha		Estado		Folha		Estado	
Aspirar	0	0,00%	1	0,69%	1	0,69%	0	0,00%
Assistir	0	0,00%	14	9,65%	0	0,00%	3	2,07%
Avisar	1	0,69%	1	0,69%	0	0,00%	2	1,38%
Chegar	5	3,45%	28	19,31%	1	0,69%	2	1,38%
Implicar	3	2,07%	7	4,83%	0	0,00%	0	0,00%
Informar	3	2,07%	3	2,07%	1	0,69%	0	0,00%
Ir	7	4,83%	19	13,10%	0	0,00%	1	0,69%
Namorar	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Obedecer	1	0,69%	3	2,07%	0	0,00%	0	0,00%
Permitir	2	1,38%	0	0,00%	2	1,38%	0	0,00%
Preferir	1	0,69%	2	1,38%	1	0,69%	3	2,07%
Responder	12	8,27%	13	8,96%	0	0,00%	1	0,69%
Simpatizar	1	0,69%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total Geral	36	24,86%	91	62,75%	6	4,14%	12	8,28%

Fonte: Pesquisa Direta

Com os dados constantes no quadro anterior, verifica-se que o total geral é de 145 ocorrências, das quais 127, ou 87,58%, estão de acordo com a NP e 18, ou 12,42%, seguem a NC. Com isso, constata-se que a norma padrão prevalece em relação aos usos cultos dos colaboradores da *Folha* e do *Estado*.

Além disso, de modo geral, vê-se que os colaboradores do *Estado* (62,75%) seguem mais a NP que os da *Folha* (24,83%). Infere-se, com isso, que há maior monitoramento por parte do *Estado* para o que apregoa o seu Manual de Redação e os escritos de seus colaboradores. O *Estado* (8,28%) tem também o maior percentual de usos cultos que a *Folha* (4,14%). Um dos motivos disso talvez seja por conta do maior número de ocorrências catalogadas.

Dos verbos catalogados com usos cultos, têm-se o *aspirar*, o *assistir*, o *avisar*, o *chegar*, o *informar*, o *ir*, o *permitir*, o *preferir* e o *responder*. Destes usos cultos, o que teve maior número de ocorrências foi o verbo *preferir* com 04 ocorrências, sendo 01

nas publicações da *Folha* e 03 nas do *Estado*. Assim, abaixo, detalha-se o uso culto desse verbo.

O verbo *preferir*, de acordo com os Manuais da *Folha* e do *Estado*, pode ser encontrado como VTD e VTI (com preposição *a*), no sentido de 'gostar mais de'. Além disso, o Manual do *Estado* ainda faz a ressalva que na transitividade indireta não se pode usar as locuções *do que* e *em vez de*; além disso, como *preferir* tem valor absoluto, não se pode usar intensificadores como *antes*, *mais* e *mil vezes*, por exemplo, nas frases com esse verbo. Igualmente com *preferível*, com o qual o Manual do *Estado* indica que se proceda da mesma forma.

Nos exemplos abaixo, que são as quatro ocorrências cultas encontradas na pesquisa, percebe-se que o sentido empregado não está de acordo com as prescrições dos Manuais porque na transitividade indireta se utilizam das estruturas *em vez de* (exemplos 01, 02 e 03) e *do que* (exemplo 04), fazendo construções inadequadas, conforme as prescrições dos Manuais.

Exemplo 01: Ao *preferir* usar ternos claros *em vez de* saias, Marina passa a imagem de executiva com um "ar mais leve, sereno". (FOLHA, 02 set. 2014, Caderno 1, Editoria Poder, p. 09).

Exemplo 02: Marqueteiro de Marina Silva, Diego Brandy *preferiu* ver o debate fora do estúdio, em um lounge, *em vez de* ter acesso à candidata nos intervalos. (ESTADO, 02 set. 2014, Caderno 1, Editoria Política, p. 07).

Exemplo 03: Vários dos principais doadores até agora *preferiram* investir no partido do vice *em vez de* no da presidente. (ESTADO, 01 set. 2014, Caderno 1, Editoria Política, p. 08).

Exemplo 04: Eles *preferiram* exibir as mulheres mais *do que* escondê-las. (ESTADO, 03 set. 2014, Caderno 2, p. 06).

Nos dois tópicos subsequentes, serão feitas algumas considerações sobre a NC nas produções textuais dos colaboradores da *Folha* e do *Estado*. Para tanto, menciona-

se a obra pedagógica de Anjos *et al* (2014), assim como alguns instrumentos linguísticos, para comentar que os usos cultos estão se insinuando no PB.

4.2.1 A NC NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS COLABORADORES DA *FOLHA*

Como o próprio Manual da *Folha* dá margem à consulta em dicionários especializados, pode-se admitir que os colaboradores não só se utilizam de sua própria intuição de falantes/escritores cultos do PB, mas também se utilizam de instrumentos linguísticos e obras pedagógicas que corroboram com esses usos cultos, os quais já estão se insinuando no PB.

Ademais, muitos são os estudos linguísticos que trabalham para descrever a realidade linguística atual, considerando os usos cultos falados e escritos. Anjos *et al* (2014), por exemplo, trazem a regência de 22 verbos⁸, colhida em 07 fontes prescritivas, as quais foram confrontadas com usos encontrados em 03 fontes descritivas. Com isso, ao final do trabalho, sugerem como proceder com cada verbo.

Os verbos *aspirar*, *chegar* e *preferir*, que tiveram ocorrências de NC catalogadas no jornal *Folha*, são exemplos de verbos que Anjos *et al* (2014) orientam ao professor/aluno seguirem, tanto a NP quanto a NC, considerando o resultado de suas pesquisas.

Desta forma, crê-se que a regência desses verbos no Manual da Redação da *Folha* poderia ser objeto de reanálise e adequação aos estudos linguísticos da atualidade, que não consideram apenas a NP, mas também a NC. Além disso, a lista dos 11 verbos considerados problemáticos poderia ser reformulada ou extinta, podendo, por exemplo, trazer em uma nova edição os usos cultos correntes do PB.

Adiante têm-se algumas considerações sobre a NC presente nas produções

⁸ Acarretar, Agradar, Aspirar, Assentir, Assistir, Atingir, Chegar, Custar, (Des)obedecer, Esquecer/Lembrar, Implicar, Ir, Namorar, Pagar, Perdoar, Preferir, Responder, Satisfazer, Sobressair, Suceder, Vir e Visar.

textuais dos colaboradores do *Estado*.

4.2.2 A NC NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS COLABORADORES DO ESTADO

Assim como foi exposto na análise acerca das ocorrências de NC da *Folha* no tópico anterior, acredita-se que os colaboradores do *Estado* não só se utilizam de sua própria intuição de falantes/escritores cultos do PB, mas também de instrumentos linguísticos, inclusive, os dicionários recomendados pelo *Estado* em seu Manual, *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Luft; *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete; e *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio. Além disso, há estudos pedagógicos, como por exemplo, a obra de Anjos *et al* (2014), que corroboram para que os usos correntes cultos sejam considerados em contextos monitorados no PB.

Os verbos *assistir*, *chegar*, *ir* e *preferir*, que tiveram ocorrências de NC catalogadas no jornal *Estado*, consoante Anjos *et al* (2014), podem seguir tanto a NP quanto a NC. Já para o verbo *responder*, que teve tanto ocorrências de NP e NC, recomenda-se que em contextos mais formais de escrita deva-se usar o verbo com *prep. “a”*, e, em contextos mais informais de escrita, o uso da *prep. “em”* pode ser igualmente válido (ANJOS *et al*, 2014, p. 33).

Neste momento, é interessante citar que a lista dos cem erros mais comuns do idioma constante no capítulo 03 do Manual do *Estado*, na qual aparecem os verbos *assistir*, *chegar*, *implicar*, *namorar* e *preferir* (objetos de apreciação deste estudo) contém, em parte, discrepância com o que é apregoado nos dicionários especializados e comuns recomendados para consulta pelo Manual do *Estado*. Veja abaixo algumas informações extraídas desses dicionários indicados sobre dois desses verbos.

Luft (2010) traz a possibilidade do uso do verbo *assistir* sem a *prep.*, justificando o fato, entre outras motivações, “por pressão semântica de ‘ver, presenciar, observar’”

(LUFT, 2010, p. 79). Aurélio (2010), por sua vez, comenta que na acepção de ‘estar presente, comparecer’, “nota-se, no Brasil, viva tendência para o emprego do verbo em tal acepç., como transitivo direto” (AURÉLIO, 2010, p. 225). Aulete (2011) também menciona que nas acepções de ‘estar presente, vendo ou ouvindo (algo)’ e de ‘presenciar (um fato) como observador, “o verbo é freq. us. como td.” (AULETE, 2011, p. 161).

Em relação ao verbo *preferir*, Luft (2010) esclarece que:

Por conta do traço semântico *antes* ou *mais* (*preferir* = ‘querer antes ou mais’) tb. ocorre a sintaxe *preferi-lo (do) que...* Aliás, o elemento *antes* (ou *mais*) aparece combinado a *preferir*, pleonasticamente, como a reforçar o traço semântico obscurecido na forma verbal: *prefiro mais (antes) a música do que a pintura*. Trata-se de sintaxe oral (pop., fam.), mas há abonações literárias. [...] Mesmo assim, em linguagem culta forma cabe a sintaxe primária: *preferir algo* ou *alguém a*. (LUFT, 2010, p. 413).

Diante do exposto, confirma-se a divergência daquilo que é apregoadado nos verbetes e na lista de erros constantes no capítulo 01 e no capítulo 03, respectivamente, do Manual em relação às informações dos instrumentos linguísticos recomendados para averiguação, a fim de sanar dúvidas. Assim, faz-se necessário a revisão do Manual de Redação e Estilo do *Estado* para as adequações devidas, considerando a realidade linguística atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo acerca dos manuais de redação da *Folha* e do *Estado* e a consulta de 1249 publicações das versões *on-line* desses jornais com o intuito de verificar as ocorrências dos verbos selecionados no que tange à sua regência, constata-se que a problemática investigativa deste trabalho foi respondida, haja vista que se percebeu que os colunistas e os articulistas desses jornais não acompanham, integralmente, as

prescrições de regras gramaticais interpostas em seus manuais de redação. Confirma-se assim a hipótese de que, mesmo com os controles das prescrições dos manuais, os colaboradores preferem, algumas vezes (12,42%), obedecer à sua própria intuição de falantes/escritores cultos do PB. Contudo, é notório comentar ainda que muitas produções textuais antes de serem publicadas nesses jornais são expostas a revisores que fazem intervenções para adequar as produções aos preceitos da NP (neste estudo, os manuais de redação) contribuindo assim para que a NP predominasse nesses textos.

Ademais, os objetivos geral e específicos deste trabalho foram alcançados. Entretanto, ressalta-se a necessidade de consultar um número maior de publicações do *Estado*, com o intuito de verificar a ocorrência dos verbos *namorar* e *simpatizar*, que neste trabalho não puderam ser analisados por conta da amostra selecionada não conter ocorrências da regência desses verbos. Vale salientar que foi investigado um número alto de publicações; contudo, poucas ocorrências foram encontradas com os verbos selecionados dos dois jornais. Com isso, conjectura-se que o fato de serem poucas as ocorrências com esses verbos pode contribuir para um maior monitoramento das regências dos mesmos por parte dos jornais quando eles ocorrem. Com o presente estudo apreende-se que são necessárias contínuas atualizações nos Manuais de Redação, tanto da *Folha* quanto do *Estado*, para adequá-los à realidade linguística atual.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. *et al. Regência verbal: norma e uso*. 1ª ed. Teresina: EDUFPI, 2014.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. [organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikpn, 2011.

_____. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (atualizado por Hamílcar de Garcia). 4ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Versão 7.0.0*, 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação lingüística. In BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. 3. reim. São Paulo: Contexto, 2014.

COSERIU, Eugenio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de Redação e Estilo*. O Estado de S. Paulo, 3ª ed. São Paulo, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1959.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes dos substantivos e adjetivos*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1959.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação: Folha de S.Paulo*. 19ª ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 1992.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PAGOTTO, Emílio Gozze. Norma e condescendência; ciência e pureza. In *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes Editores e Projeto História da Idéias Lingüísticas no Brasil. nº. 2, pp. 49-68, 1998.

Submetido em: 10/09/2015

Aceito em: 20/10/2015